

## União de forças para o bem comum

Roberto Marazi

**S**ão consagrados no dito popular as expressões “a união faz a força”; “um por todos, todos por um”; “é fácil quebrar um graveto, mas não se quebra com facilidade um conjunto dos mesmos gravetos” e tantos outros adágios.

Nas Sagradas Escrituras está escrito em Eclesiastes 4,9-10: “Dois homens juntos são mais felizes que um isolado, porque obterão um bom salário de seu trabalho. Se um vem a cair, o outro o levanta. Mas aí do homem solitário: se ele cair não há ninguém para o levantar”.

O cooperativismo — modelo societário destinado a organizar indivíduos com vistas a propósitos sócio-econômicos — é um movimento que busca ordenar uma das formas mais eficazes de se alcançar objetivos individuais por meio da força e da união, da solidariedade, da ajuda mútua, da cooperação. É campo fértil para o pleno exercício da cidadania, é o campo ideal para a vivência do humanismo, essência para o exercício da arte de administrar conflitos de interesse.

A cooperativa, independente do objetivo que se queira alcançar, da atividade que se vá desenvolver, é o modelo societário ideal para promover o bem-estar, a segurança, para a distribuição equânime de renda, enfim para contribuir para a paz.

É uma sociedade civil sem fins lucrativos, regida por legislação específica, formada prioritariamente por pessoas físicas, que unidas de forma disciplinada serão capazes de produzir re-

sultados econômico-sociais imagináveis a um mero indivíduo.

Na cooperativa o “ser” é mais importante que o “ter”, em todos os sentidos! São os homens, as mulheres e os jovens os atores principais de uma peça teatral onde não deve haver figurantes. Todos são ou devem ser chamados a atuar, a participar, a fazer valer seus direitos, a cumprir seus deveres, enfim todos são sócios, são usuários, são donos, são gestores e ao mesmo tempo fiscais do negócio empreendido pela cooperativa.

O capital, o dinheiro, tem importância fundamental para “tocar” o negócio das pessoas unidas em cooperativa. Todavia, ele não dita normas, não é referencial para a condução do empreendimento e nem para a distribuição de resultados.

A cooperativa, assim, privilegia o ser humano, colocando-se a seu serviço e abdicando-se de qualquer tipo de discriminação.

A premência por se ter uma moradia, a importância em se ter um posto de trabalho, fonte de realização pessoal e renda, enfim qualquer necessidade prioritária do ser humano o leva a ingressar numa cooperativa, muitas vezes descuidando-se de conhecer como funciona, de saber sobre seus direitos, deveres, sobre as responsabilidades que está assumindo.

A nossa Lei maior, a Carta Magna, diz textualmente sobre a “liberdade” de se constituir cooperativa. Todo democrata concorda que assim seja. Todavia, há malfetores de plantão sempre dispostos a aplicar golpes, a “pegar” incautos, necessitados, etc. Sempre haverá os bem intencionados, porém incompetentes para gerir um negócio comum a muitos.

O movimento cooperativo mundial,

representado pela Aliança Cooperativa Internacional, com sede em Genebra, Suíça; pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), pela Organização das Cooperativas do DF (OCDF), pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do DF (SESCOOP) e por Frentes Parlamentares de Cooperativismo nos âmbitos municipal, estadual e federal, esforça-se por combater tal situação e por divulgar e capacitar os cooperados ou futuros participantes de cooperativa.

Não se concebe como uma pessoa, pretendendo alcançar algum objetivo importante, participe de uma cooperativa (ou associe-se a qualquer tipo de sociedade), sem procurar conhecer “as regras do jogo” do certame.

Conhecendo atenciosamente as normas de funcionamento de qualquer sociedade já é difícil atendê-las integralmente, posto que no relacionamento humano, em qualquer situação, haverá sempre conflitos de interesses, dificuldades e obstáculos não previsíveis, imagine quando não se conhece!

No Brasil mais de seis mil cooperativas, nas atividades de habitação, trabalho, crédito, saúde, agropecuária, produção e tantas outras, são responsáveis por mais de 168 mil postos de trabalho, pela geração de riquezas correspondentes a mais de 6% do Produto Interno Bruto Brasileiro (PIB). É a prova incontestável de que a “união faz a força”!

Mas, para isto, são necessários disciplina, educação, capacitação, participação, comprometimento, recursos financeiros, criteriosa análise da viabilidade do empreendimento, etc.

**Roberto Marazi** é presidente da Organização das Cooperativas do Distrito Federal (OCDF) e do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP-DF)